

## MANIFESTO AOS ESTUDANTES PORTUGUESES

DA

# União da Juventude Estudantil Comunista Marxista-Leninista



A revolta dos estudantes nos países capitalistas não se extinguirá. Reforçar-se-á incessantemente, para finalmente se incorporar na grande vaga da revolução proletária. Cristalizar-se-á ideológica e politicamente. As ideias vitoriosas do marxismo-leninismo, compreendidas e sentidas pelos estudantes do mundo inteiro, unir-se-ão inteiramente à classe operária, à revolução mundial que derrubará pelas armas o poder do capital e construirá o socialismo, como nós próprios fizemos.

ENVER HOXHA

Secretário-Geral do Partido do Trabalho da Albânia  
(Discurso, 28 de Junho de 1968)

Camaradas:

Este manifesto tem dois objectivos: 1.º — Apresentar aos estudantes portugueses a posição dos comunistas face à situação actual do movimento estudantil e à política de ensino levada a cabo pelo Governo Provisório; 2.º — Expôr as tarefas que aos estudantes comunistas cabe cumprir neste momento bem como o programa de luta imediato que devemos firmemente tomar em mãos.

1 — O ensino, a vida nas escolas e a luta dos estudantes portugueses apresentam grandes diferenças em relação ao tempo em que o governo fascista detinha o poder em Portugal, diferenças que advêm da natureza nova do poder de Estado.

Quando se deu o golpe militar de 25 de Abril a repressão sobre o movimento estudantil tinha atingido proporções nunca antes verificadas. O aumento da repressão com vista a sufocar o Movimento Estudantil ia-se agudizando à medida que a luta também se agudizava e avançava a passos firmes pelos objectivos políticos do povo português, fundamentalmente contra o fascismo e a guerra colonial. O movimento reivindicativo dos estudantes que, nas condições de extrema opressão, mesmo partindo de pequenos motivos, rapidamente punha em causa a continuação do poder fascista trouxe uma grave crise do ensino que não era mais que o reflexo da crise que abalava toda a sociedade, cada dia mais vinculada pelo ascenso da luta operária e popular. Nas escolas, face a cada funcionário havia sempre a desconfiança de ser mais um burocrata ou pífio. Os professores eram na sua esmagadora maioria dignos discípulos dos chefes fascistas enquanto qualquer professor que mostrasse uma ideologia progressista era expulso. Eram criadas forças especiais de ataque às reuniões estudantis e para denúncia dos elementos de vanguarda — os gorilas e vigilantes — para além da polícia de choque que à mínima agitação entrava nas escolas. Quanto às liberdades de reunião, informação e associação, eram extremamente limitadas ou mesmo inexistentes. A guerra colonial e a necessidade de a manter por parte da burguesia, à custa do povo português, veio reflectir-se também num aumento da opressão no ensino onde decretos militares vinham acelerar o recrutamento dos estudantes para as fileiras do exército, ao mesmo tempo que a luta revolucionária se radicalizava exigindo a revogação desses decretos e o fim da guerra assassina.

Após as importantes movimentações estudantis de 1969, a burguesia lança uma reforma pela voz do seu ministro Velga Simão com vista não só a adaptar o ensino às necessidades do desenvolvimento do capitalismo português, mas também a dar-lhe um aspecto «democrático» e «liberalizante», onde até se pedia a sua discussão e aprovação pelos estudantes. Reforma que apenas nalgumas escolas levou a cabo e não totalmente, e que quebrou bem cedo a capa «democrática» quando a polícia voltou a invadir as reuniões contra o movimento que se levantava, de discussão e recusa das medidas nela expressas. Isto acontecia ao mesmo tempo que também Marcelo sucedia a Salazar e se falava da «primavera política», que pouco tempo depois se revelou claramente não ser mais que a continuação do criminoso inverno fascista.

2 — Com o 25 de Abril uma alteração fundamental que logo se verificou foi a possibilidade de nos reunirmos, de discutirmos e de tomar as nossas decisões colectivas sem a preocupação de ver a



que momento chegava a policia. Assim, o número de estudantes a participar activamente na luta aumentou bastante e esta tomou por direcções fundamentais o saneamento e a alteração de todo o mecanismo de ensino imposto pelo regime fascista. Nos primeiros tempos as ilusões dos estudantes eram grandes quanto às propagandeadas intenções do governo em avançar na criação de uma escola verdadeiramente democrática e ao serviço do povo. Para isso contribuíram as melhorias ocasionadas pelo 25 de Abril, a passividade do MEC face às decisões e medidas tomadas pelos estudantes e o domínio que os revisionistas da UE«C» detinham sobre o ME. Nesta altura o movimento repousava num rasteiro academismo, medroso da luta política que se travava fora das escolas.

Mas, passado pouco mais de um mês, a situação começou a alterar-se à medida que a luta do povo avançava, que os revisionistas iam sendo desmascarados e o avanço da luta reivindicativa dos estudantes começava a motivar as primeiras reacções por parte do MEC. Nas fábricas as greves pelo saneamento e contra a exploração capitalista estalavam por todo o país com a desaprovação e mesmo a repressão do Governo, aparecendo os revisionistas como os guardas-avanzados da burguesia no seio da classe operária, com a missão de apagar o fogo da luta que se ateava; nas escolas o MEC pronunciava-se contra o fim dos exames tradicionais utilizados pelo fascismo, punha entraves ao saneamento, legislava no sentido de transformar a «gestão das escolas» num mecanismo de imposição da sua política e também aí o papel dos revisionistas era o de tentar convencer os estudantes a aceitar tudo o que vinha «de cima». A luta política dos estudantes crescia, pela solidariedade às lutas operárias e populares e à luta dos povos das colónias pela libertação dos seus países.

Ao mesmo tempo a actuação dos estudantes comunistas marxistas-leninistas e de todos os estudantes progressistas e revolucionários reforçava-se e alargava-se, levando os revisionistas a perder terreno a nível nacional. Neste momento a luta nas escolas avança com o objectivo último de colocar o ensino ao serviço do povo e nós, estudantes comunistas, avançamos na tarefa de imprimir à luta estudantil uma direcção proletária, que a guie pela solidariedade e combate comum com a luta operária e popular, pelo caminho da Revolução Democrática Popular, único caminho da Liberdade, da Paz e do Progresso para o povo português.

3 — A política de ensino prosseguida pelo Governo Provisório e pelo MEC tem-se caracterizado por atacar as posições dos estudantes sempre que estes avançam nas suas decisões para além do que é razoável para as forças burguesas no poder. Não temos visto qualquer linha de acção com princípio, meio e fim, mas uma manta de retalhos de decretos que pretendem remediar situações que provocam conflitos de grande dimensão, decretos que não têm tido qualquer poder vinculativo, o que reflecte bem a crise que atravessa o ensino e que o Governo não consegue deter. A medida que um novo ministro entra para a pasta da Educação e Cultura, as medidas anti-democráticas e as ameaças aumentam. Entre outras são os decretos sobre a gestão nos Liceus e Escolas Técnicas que retiram qualquer validade às decisões das reuniões representativas dos estudantes, podendo essas reuniões nem sequer ser autorizadas; o impedimento da entrada na Universidade de cerca de 28.000 estudantes; as ameaças de as «forças da ordem» de novo entrarem nas escolas (já levadas à prática recentemente quando a policia fascista invadiu e ocupou o liceu Amílcar Cabral, no Porto, e atacou à bastonada uma manifestação pela reabertura do liceu, pelo saneamento e pela revogação do decreto do MEC sobre a gestão); e a mais nojenta é a calúnia à luta dos estudantes que junto da população é desenvolvida e que se tem acentuado quanto à questão do «serviço cívico», tendo como principal porta-voz o ministro revisionista Cunhal que desta forma pretende salvar os seus discípulos da UE«C» do descrédito cada vez maior a que são votados pelas massas estudantis.

4 — Também depois do 25 de Abril as diversas orientações políticas que actuam no movimento surgiram mais ao de cima e passaram a demarcar-se de forma cada vez mais clara, fazendo reflectir no Movimento Estudantil a linha das várias forças de classe que se opõem na sociedade. Duas organizações que se pretendem afirmar de comunistas destacam-se em fazer soar aos sete ventos as suas teses oportunistas: são por um lado os revisionistas da UE«C» cuja teoria e prática traidoras da luta revolucionária influem ainda sobre muitos estudantes; por outro o MRPP que, embora com reduzido apoio a nível nacional, faz um grande alarido das suas posições e acções práticas.

A actuação da UE«C» tem-se enquadrado perfeitamente na linha de traição prosseguida pelo partido revisionista de A. Cunhal. Como os seus mestres do P«C»P também eles são contra a luta pelo saneamento, como recentemente o têm provado com o repúdio das greves levadas a cabo nalguns liceus do país pela expulsão de notórios fascistas; como os seus mestres do P«C»P também eles pregam a subordinação a todas as medidas do governo e caluniam de forma nojenta a luta do povo e a luta revolucionária dos estudantes; também eles têm uma actuação miseravelmente anti-democrática quer impondo-se como representantes dos estudantes, caso da Comissão Pró-Unep, quer tendo uma prática burocrática e cupulista quando ocupam lugares nos órgãos representativos da luta dos estudantes, caso das AAEE. Bebendo na teoria revisionista da «transição pacífica para o socialismo» pretendem fazer crer que não se deve lutar pois o ensino estaria neste momento ao serviço do povo, «esquecendo» que isto só será verdade quando o povo conquistar o poder pela Revolução Democrática e Popular.



Como os seus mestres do P.C.P também eles subordinam os interesses do povo aos interesses do inimigo burguês.

Quanto ao MRPP, tem-se caracterizado ultimamente pelos grandes esforços que tem feito para liquidar o movimento associativo, quer negando a sua importância e os princípios em que assenta, quer pretendendo subtrair-lhe o seu carácter de massas para o vir a substituir pela acção de grupos radicalizados que aspiram a fazer passar por realidade os seus desejos subjectivos. Recentemente, e em relação à luta contra o «serviço cívico» do MEC, as suas propostas têm sido tendentes a isolar a luta dos estudantes da luta do povo trabalhador, a cavar um fosso entre os estudantes e o povo enquanto semeiam teorias trotskistas sobre as possibilidades de construção numa sociedade capitalista de «embriões da escola democrática e popular». Deste grupo que, pelas suas acções oportunistas, normalmente se tem visto isolado das largas massas nas iniciativas que toma, se servem os revisionistas para, metendo tudo no mesmo saco, atacarem os verdadeiros comunistas e os verdadeiros revolucionários.

5 — Aos verdadeiros comunistas marxistas-leninistas cumpre neste momento, como tarefa central, continuar o trabalho já iniciado de construção de um forte destacamento estudantil do futuro Partido Comunista Marxista-Leninista, único capaz de guiar a juventude estudantil pelo caminho da Revolução Democrática e Popular, do Socialismo e do Comunismo.

Há três anos que os estudantes comunistas organizados na ORGANIZAÇÃO DOS COMITÉS REVOLUCIONÁRIOS DE ESTUDANTES COMUNISTAS DE PORTUGAL (CREC'S), têm trabalhado na definição da linha dos comunistas para o Movimento Estudantil, na sua divulgação e aplicação prática, sob a direcção da ORGANIZAÇÃO COMUNISTA MARXISTA - LENINISTA PORTUGUESA (OCMLP). Durante estes anos de trabalho muita experiência foi acumulada, importantes passos em frente se deram na elaboração de uma justa linha para a integração da luta estudantil na luta do povo pela Revolução Popular, na implantação e na adesão às nossas palavras de ordem. Foi a prática de intervenção e direcção da luta de massas, os ensinamentos aí recolhidos, que nos permitiram neste momento dar um importante salto em frente na organização da vanguarda comunista estudantil e superar alguns atrasos que se manifestavam no nosso trabalho anterior.

Esses atrasos advinham do carácter demasiado restrito da nossa Organização que não enquadrava todos os camaradas estudantes firmemente dispostos a lutar com todo o ardor pela causa do comunismo e pela implantação das suas ideias no Movimento Estudantil, o que levava a que a nossa actuação sobre a luta não fosse tão sistemática quanto esta exigia. E ainda do não reconhecimento formal da ligação dos CREC'S à OCMLP, a uma organização de vanguarda da classe operária, única forma pela qual uma justa direcção comunista do Movimento Estudantil pode ser levada a cabo, o que face aos estudantes fazia aparecer os CREC'S como uma organização de estudantes comunistas desligada de qualquer organização que no seio da classe operária, do campesinato e de todo o povo trabalhador lutasse pela sua mobilização para a Revolução Popular, para a via do Socialismo e do Comunismo. Assim, cientes que a juventude estudantil tem sido um aliado activo na luta do povo antes e depois do 25 de Abril, contra o fascismo e a guerra colonial, contra a exploração capitalista e contra o ensino ao serviço da burguesia, os nossos esforços dirigem-se para reforçar a direcção comunista sobre a luta e alargar no seu seio as forças revolucionárias.

Continuando o trabalho desenvolvido pelos CREC'S, é criada agora a UNIÃO DA JUVENTUDE ESTUDANTIL COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA (UJECML), organização filiada na ORGANIZAÇÃO COMUNISTA MARXISTA-LENINISTA PORTUGUESA (OCMLP), à qual se subordina política e ideologicamente, o que constitui um novo marco na direcção política sobre a luta estudantil. Avançando neste caminho, avançaremos cerrando fileiras com todos os comunistas portugueses na tarefa central de reconstrução do Partido destruído pela traição revisionista, aplicando firmemente a sua linha no Movimento Estudantil e forjando na luta novos camaradas capazes de lutar até ao fim pela causa do comunismo.

6 — A UJECML aponta como programa imediato para a luta estudantil:

a) *Luta pelo reforço, consolidação e alargamento das liberdades de reunião, informação e associação.*

Contra as tentativas de limitar as conquistas obtidas neste campo, contra as medidas quer directas quer de ordem burocrática que tendem a dificultá-las ao máximo ou mesmo a impedi-las. Contra as ingerências das Comissões de Gestão nas reuniões estudantis. Pela obtenção de instalações para reunião e associação estudantil. Pela obtenção de meios materiais para a informação e propaganda estudantil.

b) *Luta contra o fascismo, contra a reorganização fascista e as medidas fascistas do governo. Pelo saneamento total.*

Pela expurgação total das matérias e conteúdos fascistas do ensino, pela eliminação das escolas de tudo o que faça a apologia do fascismo.



Impedimento a todas as organizações fascistas fazerem propaganda e reuniões nas escolas. Denúncia de todos os notórios fascistas estudantes e retirada dos seus direitos associativos.

Pela luta contra qualquer tentativa governamental de policiar e militarizar as escolas e reprimir os estudantes progressistas.

Pelo saneamento de todos os professores, funcionários e estudantes comprometidos com o fascismo e daqueles que venham a revelar-se como tal. Contra a readmissão nas escolas de indivíduos já saneados noutras. Contra a continuação do pagamento dos ordenados aos saneados. Contra as formas burocráticas e ineficazes de saneamento, sem controle dos estudantes, por uma participação activa dos estudantes neste processo. Pelo acesso aos arquivos da ex-PIDE-DGS por parte dos representantes eleitos pelos estudantes para procederem ao saneamento.

- c) *Levantamento de um forte movimento associativo que una a larga massa dos estudantes na luta contra o ensino que o MEC pretende impor; luta pela participação dos estudantes em todas as decisões sobre o ensino e a vida das escolas; luta pelo acesso de todos ao ensino; luta contra a proposta de Serviço Cívico do MEC, pela prestação de serviços sociais por todos os estudantes.*

Por um movimento associativo baseado nos princípios da unicidade, democraticidade, representatividade e do apartidarismo e arreligiosidade, orientado por objectivos progressistas de servir o povo, em que os estudantes varram os reformistas e demais sabotadores da luta. Contra a existência de várias organizações sindicais «representativas», contra as concepções do sindicalismo de «tendências». Sim a um sindicalismo de massas, progressista, ao serviço do povo, que leve as nossas lutas progressistas à vitória.

Contra o ensino burguês, pela reestruturação progressista das matérias e métodos de ensino, processo que em definitivo nunca estará acabado e onde será preciso defender constantemente cada conquista.

Pela participação dos estudantes em todas as decisões que lhe dizem respeito, contra o cupulismo e as manobras anti-democráticas do MEC. Pela participação na gestão das escolas como mais um campo de luta a ter em conta, pela defesa dos nossos interesses colectivos.

Pelo acesso de todos os estudantes ao ensino, contra as formas de selecção burguesa, baseadas em critérios que visam a elitização e a rentabilidade capitalista e não a melhor assimilação e aprendizagem crítica das matérias.

Contra a proposta do serviço cívico do MEC, por constituir um meio de elitizar o ensino, de refrear e dividir os estudantes, de os voltar contra os interesses do povo. Pela prestação de todos os estudantes de um serviço social em parte do ano, como meio de se darem passos numa maior ligação ao povo e da teoria à prática.

- d) *Apoio activo à luta do povo português contra a exploração e a opressão. Esclarecimento ao povo trabalhador sobre as razões e objectivos da nossa luta, contra a campanha de calúnias lançadas pelo governo e pelos revisionistas.*

Pelo apoio às lutas do povo, quer económicas por melhores condições de vida e trabalho, quer políticas. Pela participação em manifestação operárias e populares. Pela recolha de fundos para apoio a grevistas e desempregados. Pelo esclarecimento aos estudantes sobre as razões das diversas lutas operárias e populares, levando-os a contactar com elementos implicados nessas lutas e na discussão acerca delas.

Pelo esclarecimento das razões da nossa luta ao povo trabalhador, num momento em que uma grande campanha de calúnias é lançada sobre os estudantes progressistas e em que as nossas razões não são, por enquanto, tão directamente apreendidas pela generalidade do povo.

- e) *Solidariedade activa com os povos das colónias pela sua completa independência e contra as tentativas neo-colonialistas quer da burguesia portuguesa quer do imperialismo.*

Pela participação dos estudantes em lutas políticas que contenham estes objectivos. Pela erradicação de todos os conteúdos racistas e colonialistas das matérias. Pela divulgação das experiências dos povos das ex-colónias portuguesas na construção de sociedades novas. Pela recolha de alimentos, medicamentos, livros, etc., como forma de apoio ao povo desses países.

**PELO REFORÇO DA LUTA DOS ESTUDANTES AO LADO DO POVO!**

**POR UM FORTE DESTACAMENTO ESTUDANTIL COMUNISTA!**

**EM FRENTE PELA RECONSTRUÇÃO DO PARTIDO!**

**EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!**

**PELO SOCIALISMO!**

**PELO COMUNISMO!**